

FÉ, ESPIRITUALIDADE E ANGÚSTIA NO PENSAMENTO DE**SØREN KIERKEGAARD**

FAITH, SPIRITUALITY AND ANXIETY IN THOUGHT OF

SØREN KIERKEGAARD

JOSÉ DA CRUZ LOPES MARQUES (*)

(*) Formado em Teologia e Filosofia com Especialização em Ensino de Filosofia, é Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua como professor efetivo de Filosofia na rede pública do estado do Ceará e como professor visitante na Faculdade Batista do Cariri (FBC).
E-mail: markvani18@yahoo.com.br

Resumo

Obviamente, fé e angústia são dois conceitos basilares no pensamento do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard. Em uma interpretação mais apressada e corriqueira, tais conceitos são auto excludentes. No entanto, uma leitura atenta do capítulo V de *O conceito de angústia* revela o equívoco de tal entendimento. Não há como divorciar a fé da angústia, pois esta última é marca imprescindível de espiritualidade, sobretudo porque a angústia é aquilo que salva pela fé. Neste sentido, pretende-se no presente texto estabelecer a relação entre a paixão infinita da fé e a suscetibilidade de angustiar-se; em outras palavras, o modo como estas duas categorias se complementam à luz do pensamento kierkegaardiano.

Palavras-chave: Angústia. Fé. Espiritualidade. Kierkegaard.

Abstract

Obviously, faith and anxiety are two basic concepts in the thought of the Danish philosopher Søren Kierkegaard. In a hastier and more ordinary interpretation, such concepts would exclude each other. However, a careful reading of Chapter V of the *Concept of Anxiety* reveals the error of such an interpretation. One cannot divorce faith from anxiety, because the latter is an indispensable feature of spirituality, particularly because anxiety is what is saved by faith. In this sense, this text tries to establish the relationship between the infinite passion of faith and the vulnerability towards feeling anxious. In other words, the way through which these two categories complement each other at the light of the Kierkegaardian thought.

Keywords: Anxiety. Faith. Spirituality. Kierkegaard.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No *Pós-escrito* de 1846, Kierkegaard dedica um apêndice para apresentar um panorama da produção literária dinamarquesa. Na verdade, ele emprega este artifício para comentar as obras anteriores assinadas por seus próprios pseudônimos. Nesta passagem, como era de se esperar, o pensador da existência faz referência a um escrito denominado *O conceito de angústia*, atribuído a certo Vigilius Haufniensis (Vigia de Copenhague). Kierkegaard, de modo bastante irônico, fala da acolhida que a obra obtivera entre os críticos. No seu entender, esta aceitação se justificava pelo formato supostamente acadêmico do escrito. Obviamente, o pensador dinamarquês faz questão de ressaltar que isto fora um grande mal-entendido. Embevecidos pelo teor docente e pela seriedade e rigor acadêmicos de *O conceito de angústia*, os críticos haviam esquecido que no mesmo dia fora publicado, como em um gracejo, um livro composto apenas de prefácios de autoria de certo Nicolaus Notabene¹.

De fato, sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis, Kierkegaard publicara em 1844 *O conceito de angústia*, onde discutira, conforme indicado no subtítulo, o problema dogmático do pecado hereditário. Além da angústia e do pecado, os conceitos de liberdade e possibilidade são fundamentais neste que é considerado um dos textos mais herméticos da produção kierkegaardiana. *Grosso modo*, pode-se dizer que, neste escrito, o autor dinamarquês apresenta considerações acerca da relação entre a liberdade, a angústia e o pecado. Além das expressões latinas e das alusões bíblicas, as referências ao pensamento agostiniano e ao idealismo alemão se multiplicam nesse texto, fato que dificulta a captação de seu sentido pelo leigo. Talvez seja isto o que Kierkegaard denomina de aspecto docente da obra, fato que teria agradado aos críticos da época.

Uma temática que não tem sido muito explorada no texto de Haufniensis é precisamente a interessante relação estabelecida pelo pseudônimo kierkegaardiano entre angústia e fé. Supostamente pressentindo a tendência comum de encontrar um antagonismo entre os dois conceitos, o Vigia de Copenhague fecha o texto de 1844 exatamente fazendo referência à conexão entre as duas categorias referidas. No seu

¹ Trata-se de mais um dos pseudônimos kierkegaardianos. Ironicamente, Kierkegaard publica os *Prefácios* no mesmo dia de *O conceito de angústia*. O livro satiriza os críticos literários, a exemplo de J. L. Heiberg, Conforme a explicação de Ricardo Gouvêa, Nicolaus Notabene tem o desejo de escrever um livro, mas havia prometido à sua esposa que não se tornaria escritor. Para solucionar esse dilema, ele decide escrever um livro cujos capítulos são prefácios. Como escreve apenas prefácios, o livro nunca começa realmente.

entendimento expresso pelo título da seção, a angústia é aquilo que salva pela fé, isso significando que a salvação, antes de suscitar a necessidade da fé, coloca a necessidade da angústia. Desse modo, o objetivo do presente artigo é analisar os elementos mais essenciais da problemática relação entre fé e angústia no texto kierkegaardiano. A análise partirá do capítulo referido de *O conceito de angústia*, mas, obviamente, estabelecerá relações com outro texto publicado por Kierkegaard um ano antes, denominado *Temor e tremor*, de autoria de Johannes Silentio.

1 SOBRE A APARENTE INCOMPATIBILIDADE ENTRE FÉ E ANGÚSTIA

“Na a-espiritualidade não há nenhuma angústia. Para tanto, é por demais feliz e por demais contente, por demais carente de espírito. Esse motivo é, porém, muito triste. E neste sentido a diferença entre o paganismo e a falta de espiritualidade consiste em que aquele se dirige para o espírito. O paganismo é, pois, a ausência de espírito, e como tal muito diferente da aridez espiritual. (...) Ainda que na a-espiritualidade, não haja nenhuma angústia, porque está excluída, como o está o espírito, a angústia não deixa de estar aí, apenas que latente”
(KIERKEGAARD, *O conceito de angústia*).

Inicialmente, fé e angústia² parecem conceitos autoexcludentes. Pensa-se, de modo superficial, que a fé é exatamente uma espécie de antídoto para a angústia, que o Cavaleiro da fé é aquele que superou bravamente a angústia e mergulhou em um estado de imperturbabilidade, quase à maneira estoica, incapaz de ser assolado pela possibilidade. Este entendimento, não obstante, é bastante estranho à filosofia kierkegaardiana. De fato, para o filósofo dinamarquês, fé e angústia caminham de mãos dadas. Estrito senso, a angústia prepara o caminho para a fé e esta, por sua vez, coloca o indivíduo em uma relação com Deus, onde a angústia também se faz presente. Neste sentido, a angústia, no sentido propriamente cristão, é para Kierkegaard tanto anterior quanto posterior ao movimento da fé. Barros (2007, p. 9) tem razão ao declarar que “a angústia perderá sua característica aterrorizante quando o indivíduo atingir a fé”. A fé,

² A angústia, conceito introduzido por Kierkegaard no âmbito filosófico, torna-se conceito central nas chamadas filosofias da existência. Heidegger (2002, p. 33), por exemplo, declara em *Ser e tempo* que “enquanto disposição fundamental do *dasein*, a angústia não é um humor “fraco”, arbitrário e casual de um indivíduo singular, mas sim a abertura do fato de que, como ser-lançado, o *dasein* existe para o seu fim”. Já em Sartre, a angústia é definida como “um sentimento inevitável de profunda e total responsabilidade por nossas próprias escolhas e ações” (SARTRE *apud* BLACKBURN, 1997, p. 15). Na angústia, o homem descobre que não é apenas responsável por si, mas pela humanidade inteira. Sendo assim, este elemento faz parte da própria condição humana. Jaspers, por sua vez, declara que “a existência autêntica descobre a angústia de forma radical, que é a angústia de perder-se enquanto existência”. No entanto, a ocasião da situação-limite abre caminho para que o indivíduo busque a transcendência (*apud* OLIVIERI, 2008, p. 26).

entretanto, não significa que esta elimine a possibilidade de o indivíduo angustiar-se. Sendo o homem definido como uma síntese, ou seja, a espiritualidade que surge a partir do encontro entre corpo e alma, entre finito e infinito, a angústia lhe é condição inerente. Nos termos de Haufniensis, “se o homem fosse um animal ou um anjo, não poderia angustiar-se. Dado que ele é uma síntese, pode angustiar-se e, quanto mais profundamente se angustia, tanto maior é o ser humano”. (KIERKEGAARD, 2010, p. 163). A rigor, para o filósofo dinamarquês, querer fugir à possibilidade de angustiar-se já se constitui em uma forma equivocada de manifestar a angústia. Como declara Le Blanc (2003, p. 82) em seu comentário,

A angústia é consubstancial ao homem e define-o como participando do espírito; logo, ele não pode dela se libertar. Com efeito, se o homem não tivesse consciência da possibilidade, se não tivesse espírito, inteligência, ele não conheceria a angústia, de onde se conclui que a angústia está ligada à espiritualidade do homem.

O filósofo de Copenhague, entretanto, faz questão de esclarecer nesta mesma passagem como deve ser entendida a angústia. Não apenas como uma perturbação motivada por elementos externos, mas como algo que se produz no e pelo próprio indivíduo. Neste sentido, Jesus, em sua Paixão, é colocado como modelo de angústia para o cristão. O fato de o próprio Cristo ter sofrido no Getsêmani, comenta Gouvêa (2009, p. 349), “é uma evidência de que a angústia não é um mal, mas um aspecto de grandeza espiritual e responsabilidade”. Como se vê, o propósito de Kierkegaard é rejeitar qualquer compreensão equivocada da angústia. A rigor, ela não deve ser entendida como um sentimento repulsivo do qual o indivíduo deve sempre procurar escapar. Por outro lado, ela não deve ser vista como aquilo que afunda o homem na culpa e no desespero. É preciso, por conseguinte, encarar a realidade possível e a possibilidade real da angústia, mas, sobretudo, é preciso ter uma visão correta da angústia. É neste sentido que deve ser analisada a emblemática declaração do pseudônimo Vigilius Haufniensis, segundo a qual “aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado”. (KIERKEGAARD, 2010, p. 163). Neste sentido, o famoso conto dos irmãos Grimm sobre o jovem que saiu pelo mundo a fim de aprender como angustiar-se aludido pelo pseudônimo kierkegaardiano não é apenas o registro da excentricidade de um indivíduo particular, de alguém que se consagra a empreendimentos extravagantes. Ele retrata, antes de tudo, o percurso o qual todos são instados a trilhar. E se há alguém que apreendeu realmente a angustiar-se, esta pessoa é, sem dúvida, o Cavaleiro da fé, que não tenta inutilmente, valendo-se da fé, mascarar a possibilidade da angústia. Ele está certo da banalidade de tal escapismo. Por outro lado, precisamente porque possui a fé, ele não sucumbe diante do terrível da angústia, não permite que a culpa lhe agrilhoie a alma. Ele sabe retirar aquilo que existe de positivo na angústia. Tal compreensão está plenamente de acordo com o caráter ambíguo e paradoxal da angústia. Na frequentemente citada definição kierkegaardiana,

“a angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática” (KIERKEGAARD, 2010, p. 46). Se há nela algo detestável, há, ao mesmo tempo, algo desejável. Esta definição conserva bastantes semelhanças com uma passagem dos *Papirer*, na qual o pensador dinamarquês declara:

Angústia é um desejo pelo que se teme, uma antipatia simpática; angústia é um poder estranho que agarra o indivíduo, e, no entanto, não se pode livrar-se dela e não se quer fazê-lo, pois se teme, mas o que se teme se deseja. A angústia torna o indivíduo impotente, e o primeiro pecado sempre ocorre em fraqueza; por essa razão ele aparentemente carece de responsabilidade, mas essa falta é a verdadeira cilada. (KIERKEGAARD *apud* ROOS, 2007, p. 65).

2 A ANGÚSTIA COMO O QUE SALVA PELA FÉ

Este é o título sugestivo do último capítulo de *O conceito de angústia*. Tal designação confirma o que foi dito acima acerca da relação entre angústia e fé, sobretudo, as vantagens de poder angustiar-se. Seguindo de perto a análise do capítulo supracitado, convém-nos agora explicitar em que sentido a angústia salva pela fé. Em termos práticos, que benefícios a angústia pode acarretar àquele que crê. Primeiramente, declara Haufniensis, “a angústia é a possibilidade da liberdade; só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões”. (KIERKEGAARD, 2010, p. 164). Neste sentido, a angústia serve para destruir aquilo que se coloca entre o indivíduo e o infinito. Quem não aprendeu a angustiar-se do modo correto encontra-se perdido na fugacidade da finitude, consolado por falsas ilusões. O que não é de jeito nenhum uma fuga completa da possibilidade da angústia, apenas um experimentar a angústia de modo invertido. Assim, aquele que está preso às ilusões da finitude, que se considera incapaz de angustiar-se, experimenta o lado mais sombrio da angústia. Na analogia kierkegaardiana, a verdadeira angústia é uma escola. “Aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem está formado pela possibilidade está formado de acordo com a sua infinitude”. (KIERKEGAARD, 2010, p. 164). O caráter penoso e, ao mesmo tempo formador da angústia na sua relação com a possibilidade é ressaltada por Álvaro Valls em sua análise do texto kierkegaardiano:

Quem se entrega à angústia do infinito, o discípulo do possível, conquista o infinito ... enquanto a alma dos outros expira na finitude. E a ideia é a seguinte: na imaginação, na possibilidade, podemos passar por uma angústia imensa que qualquer coisa, qualquer dor, qualquer sofrimento vira coisa pouca, comparando

ao que realizamos na imaginação. Na escola do infinito, na escola da possibilidade, passamos pelos maiores tormentos, mas em compensação, diz ele, ganhamos o infinito. Ganhamos a possibilidade de escapar do finito, do material, do aqui e agora, do pequeno e irrelevante (VALLS, 2012, p. 56).

Muitas pessoas, contudo, protesta Haufniensis, usam a categoria da possibilidade para tentar fugir da angústia, esquecendo-se de que é precisamente a possibilidade que coloca a angústia. O reconhecimento de que tudo é possível, de que a efetivação do futuro pode tanto nos apavorar quanto nos fazer sorrir torna-se constante fonte de angústia. Esta postura não admite fuga, exceto para aqueles que não admitem a seriedade da possibilidade. Em suma, a angústia coloca o indivíduo em uma autêntica relação com a infinitude. A fé, por sua vez, nos termos de Kierkegaard (2010, p. 165), é “a certeza anterior que antecipa a infinitude”³. Neste sentido, a angústia é tanto anterior quanto posterior à fé. Somente quem está disposto a prescindir da autêntica relação com a infinitude é que tenta debalde renunciar a ela. A angústia conduz o homem à fé, mas sendo esta última a antecipação do infinito, o homem de fé não pode escapar à angústia. Kierkegaard reconhece a severidade de tal acepção. Ao mesmo tempo, reforça o caráter autenticador da angústia. Nas suas palavras,

O que acabo de dizer talvez pareça a muitos um discurso obscuro e ruim, já que se vangloriam de nunca se angustiar. A isso eu responderia que não se deve angustiar-se, certamente, pelos seres humanos, pelas coisas finitas, mas só o que atravessou a angústia da possibilidade, só este está plenamente formado para não se angustiar, não porque se esquive dos horrores da vida, mas porque esses sempre ficam fracos em comparação com os da possibilidade. Se meu interlocutor achar, por outro lado, que sua grandeza consiste em nunca se ter angustiado, então com alegria eu o iniciarei em minha explicação de que isso se deve ao fato de ele ser muito desprovido de espírito. (KIERKEGAARD, 2010, p. 166).

Aparentemente, parece estranha a asserção segundo a qual a angústia leva o indivíduo à fé. Num primeiro momento, essa vertigem perturbadora da alma, esse olhar para o abissal da possibilidade, parece afastar o homem da fé, parece afundar a sua alma nas águas turvas do desespero e do ceticismo. No entanto, este é o entendimento de Kierkegaard em *O conceito de angústia*. Assim, a angústia não é apenas aquilo que salva o homem pela fé, mas, de modo extraordinariamente paradoxal, é aquilo que produz a própria fé. De fato, assevera o pensador de Copenhague, o indivíduo que

³ Kierkegaard declara que esta definição é sustentada pelo próprio Hegel. Álvaro Valls (2011), no entanto, afirma em nota explicativa à tradução brasileira, que esta definição não é uma citação literal de Hegel.

compreende mal a angústia, de modo que esta não o leva à fé, mas dela o afasta, está completamente perdido. Na expressiva analogia empregada por Kierkegaard (2010), a angústia é para o Cavaleiro da fé uma espécie de servo que não deixa de conduzi-lo, mesmo a contragosto, aonde ele quiser. A propósito, as figuras empregadas por Haufniensis neste capítulo para falar da angústia que procede da fé são um tema à parte. Ela é a grande inquisidora que põe a descoberto as ilusões da finitude, a escola que, por meio da categoria da possibilidade, forma o indivíduo para a infinitude, o servo que muitas vezes precisa contrariar a vontade do seu senhor para conduzi-lo ao amadurecimento. Mas a angústia é ainda uma espécie de cirurgião que precisa realizar uma operação dolorosa para extirpar o mal do paciente. O paciente, não obstante, precisa estar pronto para submeter-se a tal operação. Deve entender que os tremores que ela causa são compensados pelos seus resultados. Na descrição kierkegaardiana, “quando a angústia penetra na alma do indivíduo e a esquadrinha inteiramente, e angustia o finito e o mesquinho para longe dele, finalmente o conduz para onde ele quer”. (KIERKEGAARD, 2010, p. 168). Tudo depende, enfim, do modo como o indivíduo encara a angústia, do modo como ele a relaciona à fé. A designação segundo a qual a angústia é o que salva pela fé demonstra que a fé possui importância fundamental para uma compreensão positiva da angústia. Sem a primeira, resta à última apenas o seu aspecto terrível, medonho e aterrador. No comentário de Barros (2007, p. 10),

Este sentimento torna-se necessário para a salvação do próprio indivíduo. Todavia, ele deverá possuir a fé, caso contrário, o indivíduo sucumbirá. Para que o indivíduo elimine o caráter medonho daquele sentimento, ele deverá possuir a crença no absurdo. Quando isto for realizado, a angústia não será mais um obstáculo, mas sim uma ferramenta. Será no possível da angústia que o indivíduo encontrará sua salvação. A angústia não tem um caráter definido, tudo dependerá de como o indivíduo se relaciona com este tipo de sentimento. Se ele possui fé, a angústia tornar-se-á uma amiga necessária e inofensiva. Se, pelo contrário, o indivíduo não possui fé, então a angústia assumirá uma face terrível.

3 NA JORNADA DA FÉ, A ANGÚSTIA COMO COMPANHEIRA

Falar da angústia do Cavaleiro da fé exige necessariamente apontar a relação entre essas duas categorias. Tal relação, obviamente, já foi demonstrada a partir do capítulo V de *O conceito de angústia*. A categoria do Cavaleiro da fé, não obstante, conduz-nos obrigatoriamente ao texto de *Temor e tremor* de Johannes Climacus, a fim

de encontrarmos indícios da angústia em Abraão, o modelo do Cavaleiro da fé segundo Kierkegaard. Dentre os muitos autores que relacionam a categoria da angústia à figura do Cavaleiro, Ricoeur, certamente, está entre os mais destacados. Nas palavras do pensador francês, “*Temor e tremor* abre uma nova dimensão da angústia, que procede da contradição entre a ética e a fé. Abraão é o símbolo dessa nova espécie de angústia, ligada à suspensão teleológica da ética”. (RICOEUR, 1996, p. 21). De Paula (2001) faz eco ao pensamento de Ricoeur ao ressaltar que a angústia de Abraão, o Cavaleiro da fé, decorre do reconhecimento segundo o qual, diante da ética, ele é um assassino que tenta matar o próprio filho. Barros, por sua vez, vê a categoria da possibilidade que corresponde à angústia no sacrifício de Abraão. Neste caso, “a possibilidade é apresentada como a renúncia do mundo finito pela conquista da infinitude. Abraão está disposto a sacrificar o filho, porém, nesta ação está a possibilidade de conquistar o eterno”. (BARROS, 2007, p. 10). Na possibilidade que o atendimento à ordem divina suscita encontra-se a angústia do patriarca hebreu. Vê-se aí que a angústia é fundamental para que o cavaleiro realize o movimento da resignação que é o passo que antecede a fé.

Por meio da leitura da efusão preliminar de *Temor e tremor*, percebe-se, claramente, que a angústia que acompanha o Cavaleiro da fé conserva estreita vinculação com a ética. Em termos específicos, a angústia que acompanha o patriarca expressa-se em dois sentidos. Primeiramente, pode ser colocada a relação familiar entre Abraão e Isaac. Como pai, além de uma inclinação natural para proteger o filho, de livrá-lo de qualquer perigo, ele possui uma responsabilidade moral para com o filho. No entanto, o mandamento divino obriga-o, inicialmente, a colocar a vida de Isaac em risco. De repente, aquele que, natural e moralmente, deve proteger o filho, vê-se obrigado a expô-lo ao perigo da morte. Nos termos de Silentio, “enquanto para com o dinheiro não temos nenhuma espécie de obrigação moral, o pai está ligado ao filho pelo mais nobre e mais sagrado vínculo”. (KIERKEGAARD, 1979, p. 124). A iminência de violar esse laço sagrado que o une ao filho, certamente, mergulha o patriarca em uma profunda angústia. No entanto, a sua angústia o conduz, não para longe, mas para o encontro com aquilo que é a fonte maior de sua angústia. E neste momento, pela fé, a angústia é vencida, ainda que não eliminada. Para retomar mais uma vez o título de Haufniensis, a angústia é aquilo que salva pela fé. Ademais, a dimensão ética angustia

o cavaleiro em virtude de a sua ação representar uma contradição entre a esfera moral e a religiosa. Moralmente, Abraão tenta matar o filho. Do ponto de vista religioso, não obstante, oferece um sacrifício. No primeiro caso, ele é um assassino frio e cruel e, no segundo, um homem piedoso e devoto. O que eu sou, afinal? Esta pergunta terrível deve ter povoado os pensamentos do patriarca durante a viagem silenciosa ao Moriá. Nesta contradição, declara mais uma vez Silêncio, “reside a angústia que o conduz à insônia e sem a qual, entretanto, Abraão não é o homem que é”. (KIERKEGAARD, 1979, 125). Esta contradição não pode ser solucionada pela mediação racional. Fosse isso possível, a angústia perderia o seu lugar. O incógnito, não obstante, abre caminho para a fé. A contradição é mantida e, conseqüentemente, a angústia. Tendo como referência a caminhada de Abraão, Le Blanc estabelece uma interessante relação entre a angústia, a solidão e a fé, conforme pode ser constatada no fragmento a seguir:

No fundo dessa solidão, em que não se ouve qualquer voz humana, só a angústia é uma certeza. A angústia da incerteza torna-se a única certeza possível, a fé está nesta certeza angustiada, a angústia certa dela mesma e da relação com Deus. Essa angústia é, além disso, tanto mais experimentada quanto, por seu meio, o homem deformou sua relação natural com Deus. Ele sente-se, portanto, paradoxalmente, tanto mais atraído para Deus quanto maiores forem seu erro e sua culpa. (LE BLANC, 2003, p. 74).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisado acima, em Kierkegaard, a fé não é essencialmente um estado de beatitude eterna no qual o Cavaleiro mergulha, livrando-o de experimentar os tremores, perturbações e limitações da existência finita. A fé, portanto, não elimina o desconforto, o sofrimento, a resignação e a angústia. Apenas capacita o indivíduo a ter uma atitude positiva diante destas categorias existenciais. Significa ter bom ânimo diante das aflições da existência, considerando que, como afirma o salmista, Deus é socorro *na* angústia, não *da* angústia (Sl. 46:2).

Aparentemente, este entendimento kierkegaardiano parece fomentar uma atitude masoquista diante do sofrimento, uma relação de necessidade entre a alegria e o sofrimento. Não obstante, a visão do dinamarquês deve ser analisada à luz das categorias cristãs que, como ele mesmo confessa⁴, marcam toda a sua produção

⁴ No texto póstumo *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*, Kierkegaard defende expressamente a relação entre o seu projeto filosófico e o cristianismo.

filosófica. A título de exemplo, o autor dinamarquês assume o papel positivo do sofrimento nos moldes dos salmistas⁵, que entendem que a angústia os aproxima de Deus, ou nos moldes de Jó, que reconhece que as muitas provações que assolaram a sua alma o ajudaram a cultivar um relacionamento mais profundo com o Criador, ou nos de Paulo⁶, cujos tremores e perturbações do espinho na carne o levaram a sentir prazer em Deus e a perceber a grandeza do seu amor. Provavelmente a figura bíblica mais emblemática para ilustrar essa dialética consista no episódio do Getsêmani, retomado na abertura desse tópico. Nesta experiência encontram-se, lado a lado, a dor e a consolação. Conforme observamos no capítulo anterior, esta dialética já está presente na própria noção kierkegaardiana de angústia. Se, por um lado, ela é colocada como uma pré-condição para a Queda, como aquilo que, segundo a visão cristã, marca a entrada do sofrimento no mundo, por outro, “ela é a força positiva no homem, guiando-o a fé e de volta para Deus” (GOUVÊA, 2002, p. 348).

Por fim, não nos esqueçamos da centralidade da categoria do paradoxo no pensamento kierkegaardiano. De fato, para o filósofo dinamarquês, não apenas a fé é definida como o paradoxo da vida, mas a própria angústia possui uma dimensão paradoxal. Ela é, ao mesmo tempo, uma antipatia simpática e uma simpatia antipática. Isso significa que haverá sempre um ponto de mistério no momento preciso em que fé e angústia se encontram.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Wagner. A angústia de Abraão. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. v. 7, n.1. p. 1 – 12, 2007.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- DE PAULA, Marcio Gimenes. *Socratismo e Cristianismo em Kierkegaard: O escândalo e a loucura*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001.
- FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FERRO, Nuno. *Estudos sobre Kierkegaard*. São Paulo: LiberArs, 2012.
- GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A Palavra e o silêncio: Kierkegaard e a relação dialética entre fé e razão em Temor e tremor*. São Paulo: Alfarrabio: Custom, 2002.

⁵ Sl. 39:9; 69:17; 129:1, etc.

⁶ II Co. 12:1-10.

_____. *Paixão pelo paradoxo: Uma introdução a Kierkegaard*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de Angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Pós-escrito às migalhas filosóficas*. Vol. 01. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Temor e tremor*. São Paulo: Nova cultural, 1979.

LE BLANC, Charles. *Kierkegaard*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

OLIVIERI, Maria de Fátima. *Angústia existencial sob a ótica reflexiva de Sören Aabye Kierkegaard. Controvérsia*. São Leopoldo. v.3, n.2, p. 32 – 41, 2007. RICOEUR, Paul. *A região dos filósofos*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ROOS, Jonas. *Tornar-se cristão: O paradoxo absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard*. 2007. 247 p. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS.

VALLS, Álvaro. *Kierkegaard: Cá entre nós*. São Paulo: LiberArs, 2012.